Fonoaudiologia Pandemia e Pós Covid 19 como ressignifiquei o atendimento

Renata de Oliveira Santos Costa

URSI Cidade Ademar

Como contar de uma forma interessante a maneira que uma Fonoaudióloga em meio à pandemia de Covid-19 conseguiu encontrar sentido para seus pacientes, por meio de suas ações, reestruturando-as diante das perspectivas apresentadas naquele momento. Considerando-se uma linha do tempo, desde os primeiros rumores de que a China estava com casos de coronavírus que afetavam os humanos, sua chegada ao Brasil, os seguidos óbitos, imaginávamos que todos iríamos morrer. Entretanto, apesar de tudo, não esmorecemos e fomos criando condições para poder atender os pacientes, inicialmente, por teleconsultas, monitorando os casos de Covid-19 ou orientando-os, de forma educativa, com relação à prevenção. Na sequência, seguimos realizando presencialmente, as avaliações específicas, mantendo o distanciamento, em salas mais ventiladas e nos cobrindo de EPIs (Equipamentos de Proteção Individuais). Entretanto, pelo fato de nossa população ser essencialmente idosa tinham medo de sair de casa, seguiam o isolamento social imposto pelo governo e preferiam ser atendidos por telefone. Dessa forma, imbuídos de criatividade e dos conhecimentos adquiridos ao longo da vida, ligados tanto à Fonoaudiologia, quanto à Administração, os utilizamos para orientar os pacientes nessa modalidade, de forma que conseguissem seguir as orientações e apresentassem um resultado satisfatório. Em contato, com amigos, fonoaudiólogos que nesse momento uns auxiliavam os outros, por meio de mensagens e redes sociais e pautados na ciência, percebemos que poderíamos abolir, momentaneamente de nossos atendimentos, tanto o estetoscópio quanto o oxímetro para que pudéssemos manter o distanciamento do paciente, mas nos pautamos em outros sinais que nos mostrariam se o paciente apresentaria alterações ou não indicativas de penetração laríngea e/ou aspiração. A escolha dessa vivência foi realizada por entender que a intervenção fonoaudiológica, nesse momento, era essencial para auxiliar os pacientes com Disfagia ou mesmo com alterações de comunicação diminuindo os engasgos e consequentemente o sofrimento ao alimentar-se tornando esse momento prazeroso, mais seguro e também auxiliando a se comunicar, melhorando assim sua qualidade de vida.

Dessa forma, realizamos o primeiro atendimento presencial e os demais por telefone, pois por whatsapp, em alguns casos não era possível devido à dificuldade de conexão com a internet deles. Além disso, foi uma forma bem interessante para evitar o contato com a geração de aerossóis, visto que para a avaliação de Disfagia é necessário retirar as máscaras para que possa se analisar deglutição, mastigação, alterações do Sistema Sensório Motor Oral e para aqueles que apresentam alterações na fala, não poderiam se comunicar sem tirar a máscara e nem nós e esse fator dificultou em muito o entendimento e a interação deles por se apoiarem na leitura labial e das expressões faciais. Continuando a nossa sequência da linha do tempo surgiram para atendimento os pacientes com sequelas de pós Covid-19 que além das alterações citadas acima, também apresentavam cognição alterada e alguns com sequelas de paralisia facial. Esses últimos, precisavam do apoio visual oral para serem estimulados e para realizar os exercícios precisavam de um modelo. Começamos a usar imagens de expressões faciais e informar verbalmente como deveria ser realizado para que o paciente sem máscara fizesse esses exercícios. Obtivemos ao longo de toda essa experiência bons resultados, com muitos pacientes recebendo alta em até sete e no máximo 12 sessões, na frequência de uma vez por semana. Dentre os casos de sucesso, podemos citar um de uma paciente idosa, de 84 anos, que apresentava paralisia facial e por esse motivo era exclusivamente presencial. Ela foi atendida uma vez por semana e a cada semana apresentava uma excelente evolução, pois realizava os exercícios todos os dias em domicílio, as sessões eram registradas em fotos e podia-se observar a evolução a cada semana e isso a animava. Entretanto, quando estava praticamente próxima da alta, em uma das terapias apresentou uma tosse seca, que não era característica de seu quadro. Segui o protocolo de Covid-19, interrompendo o atendimento e a orientando a procurar a UBS de referência, visto que já estava no quarto dia de sintomas. Na outra semana, entrei em contato por teleconsultas para monitoramento e fui informada pela filha que ela estava com Covid-19 positivo, pois todas na residência haviam testado positivo, mas não queriam informá-la para não se desesperar.

Orientei novamente a filha a importância de procurar o atendimento médico, informei as consequências de não procurar e não permitir que a paciente soubesse de seu estado, visto que todos temos o direito de escolha sobre nossa saúde, mas a família resistiu realizando os cuidados da forma que consideraram melhor. Uma semana depois a paciente foi socorrida pelo SAMU, entubada no dia seguinte e dois dias após veio a óbito. E diante disso, tivemos que lidar com todo o sentimento que essa situação nos coloca. Apesar do óbito, o tratamento evoluiu bem e pude monitorar e mostrar inclusive a importância de nossa ação educativa na pandemia junto aos familiares na prevenção e intervenções necessárias frente aos sinais de Covid-19. Cabe contar também aqui um outro caso de sucesso de um paciente de 72 anos, com Síndrome Demencial Avançada Mista com Parkinsonismo associado e com Disfagia para sólidos e líquidos com risco de penetração laríngea e/ou risco de aspiração. A avaliação fonoaudiológica foi realizada de forma presencial em março e as demais sessões, no total de sete por teleconsultas, nas quais a esposa seguiu durante todo o tempo as orientações passadas com relação a modificação de consistência para pastosa úmida monitorando o volume ofertado, tanto de líquidos quanto de sólidos, adaptação do utensílio para beber líquidos de forma a evitar risco de aspiração. A oitava consulta foi presencial e analisamos que atingimos o objetivo no prazer em alimentar-se, variando consistências, no conforto e na segurança, com a adequação dos utensílios e o apoio do monitoramento da esposa e consequentemente melhoramos a qualidade de vida do paciente. Posteriormente em julho, deste ano, recebeu alta do nosso serviço. Diante de todas essas experiências as contribuições ocorridas foram percebermos o quanto os cuidadores dos pacientes foram grandes parceiros nessa caminhada, como profissional nos tornamos mais humanos, mais próximos, mais detalhistas, vencemos as barreiras, nos possibilitamos inovar, agir de forma educativa com pacientes e cuidadores tanto com relação a informação específica quanto a relacionada à Covid-19 e criar resultados possíveis e de sucesso nesse mundo pandêmico.